

REDES SOCIAIS DIGITAIS: UMA ANÁLISE SOBRE COMPORTAMENTO, EXPOSIÇÃO E MANIFESTAÇÕES SOCIAIS*

Juliana Marinho dos Santos –
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

RESUMO: Este trabalho propõe um breve estudo sobre o comportamento dos indivíduos nas redes sociais digitais, especificamente no que diz respeito à exposição, aos debates exacerbados e fervorosos, considerando alguns cenários políticos, sociais e econômicos, com assuntos polêmicos e que repercutem nacional e mundialmente. Também procura identificar de que modo ações coletivas nas redes se disseminam na sociedade e como contribuem para os movimentos sociais. Para tal, aborda as novas interfaces comunicacionais como geradoras de significativas transformações na rotina do homem em sociedade. Dá ênfase aos aspectos relacionados à livre expressão, proporcionada pelo ciberespaço, seus pontos positivos e negativos, a partir de exemplos que envolvem situações de grande repercussão na mídia. Por fim, tece considerações sobre o caráter utilitário das redes sociais digitais e dos exageros no uso dessas ferramentas.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais digitais. Ciberespaço. Novas Tecnologias de Comunicação.

INTRODUÇÃO

A comunicação sempre esteve dentre as necessidades primordiais da humanidade. É através do ato de se comunicar que o homem estabelece suas relações em sociedade, convive e interage de diversas maneiras, adquirindo conhecimento. Mais do que transmitir informações, a comunicação envolve a compreensão do que se quer partilhar, tornando a mensagem comum a ambas as partes, emissor e receptor, como uma via de mão dupla.

Como consequência do avanço tecnológico, a Internet trouxe consigo uma série de mudanças sociais e passou a exercer influência sobre as atividades de rotina das pessoas. Seu uso se alastra e perpassa inúmeras operações: pesquisas e trabalhos, acesso a documentos e livros, leitura de notícias, compras, troca de mensagens, realização de operações bancárias, etc. A Internet não está mais só no computador, mas sim em diversas ferramentas que processam a informação digital, com destaque para os aparelhos celulares, os *smartphones*.

Considerando as novas relações que se estabelecem no amplo ambiente virtual, repleto de possibilidades de conexões, é fundamental o estudo dessas novas interações sociais. Como o indivíduo se comporta então em um novo espaço, utilizando redes digitais que permitem liberdade de expressão para todos e a todo o tempo? De que forma essas novas interações afetam a vida em sociedade e como se colocam diante de questões em que é necessário o debate e o confronto de ideias?

1 - NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO

Neste contexto de descobertas digitais e de novas conexões, é importante mencionar a compreensão da Internet a partir de dois ângulos diferente. O primeiro, como aparato tecnológico que interliga computadores com componentes físicos, que podem ser fios, cabos, conectores, fibra óptica e *wireless*; o segundo, como espaço e ambiente de comunicação. Este segundo, com principal

*XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 - <http://evidosol.textolivre.org>

característica de interação, é chamado pelo escritor William Gibson de Ciberespaço, em seu livro “Neuromancer, publicado em 1984.

Pierre Lévy (1999, p. 92) define o Ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. O termo ultrapassa as questões materiais de infraestrutura da comunicação e ressalta o universo de informações e interações que se estabelece. Com um novo espaço, surge também uma nova cultura, a Cibercultura.

Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p.17).

Ligando-se à cibercultura, Lévy explica o conceito de virtualização e diz que o virtual não é oposto do real, ele existe ainda que sem estar presente, é uma “fonte indefinida de atualizações” (LÉVY, 1999). Assim, o virtual é desterritorializado, independente de locais geográficos e “capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos”. Não se trata de irrealidade, equívoco comum, mas sim de uma realidade que não pode ser fixada em alguma coordenada espaço-temporal.

Raquel Recuero, em sua obra *Redes Sociais na Internet* (2009), aponta para as profundas mudanças nas formas de organização, identidade, conversação e mobilização social, oriundas de toda essa comunicação mediada pelo computador. Para a autora, a ampliação da capacidade de conexão permitiu que novas redes fossem criadas, as redes sociais digitais. Tais redes “conectam não apenas computadores, mas pessoas” (RECUERO, 2009, p.17) e estão presentes de forma numerosa na no espaço virtual.

O matemático Leonard Euler foi o primeiro a utilizar a metáfora de rede de forma científica, em 1736, a partir de sua publicação sobre o enigma das Pontes de Königsberg. Nessa abordagem, criou o primeiro teorema da teoria dos grafos, que estuda a relação de objetos combinatórios de um determinado conjunto. Um grafo é constituído de nós e arestas que os conectam, representando uma rede, de forma a exemplificar diversas situações, como por exemplo os indivíduos e suas interações, como explica Recuero.

Já a expressão rede social foi introduzida pelo pesquisador J. A. Barnes, que reconhece o indivíduo como membro de uma sociedade e dotado de variadas relações dentro do contexto em que está inserido.

Rede Social é uma expressão cunhada do pesquisador J. A. Barnes, apresentada pela primeira vez em uma comunicação em 1953 e publicada em 1954. Foi empregada para descrever como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de que forma indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade em Bremnes, uma comunidade da Noruega. (SOUZA; CARDOSO, 2011, p.67)

Recuero (2009, p.24) define a rede social como um conjunto dos elementos atores, que são os indivíduos ou os nós da rede, e suas conexões, as interações ou laços sociais. Partindo-se deste ponto, é possível analisar a dinâmica dos grupos sociais que se formam a partir das interações virtuais e observar como são, de que forma surgem, quais conteúdos produzem, o que os influencia e de que maneira os indivíduos interagem entre si.

Segundo a autora, devido ao distanciamento dos atores envolvidos nas interações, característica das redes sociais na Internet, o que se tem são representações dos indivíduos, ou “construções identitárias do ciberespaço”. Em cada interface, ou seja, em cada ambiente de rede

social, o ator vai se apresentar de determinada forma e este espaço irá transmitir elementos de sua personalidade. A identidade, agora digital, uma vez que não há o contato físico, está em constante processo de construção.

Sobre este ponto, vale salientar e elucidar dois momentos distintos. O primeiro diz respeito aos meios de comunicação de massa, nos quais as identidades dos indivíduos são padronizadas, não há possibilidade de construção de uma identidade individual. Nas mídias de massa, o indivíduo recebe e assimila a influência midiática, diferente do que ocorre no segundo momento, na pós-modernidade, em que o sujeito passa a ser também um influenciador, e não só influenciado pela mídia.

No ciberespaço, o ator é ativo e construtor de sua própria identidade, a partir das relações que estabelece e das características do ambiente criado na própria rede. Recuero afirma que as representações sociais em rede são “espaços de expressão e de construção de impressões”.

Donath (2000) aponta que grande parte do processo de sociabilidade está baseada nas impressões que os atores sociais percebem e constroem quando iniciam sua interação, baseada nos estudos de Simmel. Essas impressões são em parte construídas pelos atores e em parte percebidas por eles (Goffman, 1975) como parte dos papéis sociais. (RECUERO, 1999, p.29)

Para o ingresso em determinada rede social digital, é necessário que o usuário crie sua identidade, através de um perfil ou página, com ampla liberdade para ser o que desejar. Logo, os perfis acabam por ser versões do indivíduo, “múltiplas facetas de sua identidade” (RECUERO, 2009, p.30), exaltando certas qualidades, diminuindo outras características, de modo que é possível definir uma identidade ideal, próxima ou não da identidade do indivíduo no mundo offline. O objetivo principal é o de aceitação.

Muniz Sodré, em sua obra Antropológica do espelho - Uma teoria da comunicação linear e em rede, explica que a representação do usuário no espaço virtual passa por distorções e retoques de suas características reais, fora da rede. Para o autor, “nas ilusões ou ficções que engendram, o midiático e o virtual demandam outros véus, peles, ‘personas’, máscaras que, multiplicadas, podem atribuir uma realidade *fantasmática* ou *espectral* aos sujeitos”. (SODRÉ, 2011. p.153)

Sobre as conexões, estas são definidas como laços sociais, estabelecidos pelas interações em rede, que por sua vez são as ações que “tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares, como reflexo social” (RECUERO, 1999, p. 31). No ciberespaço, a interação acontece via diversas ferramentas de comunicação, o que permite que ela permaneça mesmo quando não se está online.

2 - COMPORTAMENTO NAS REDES SOCIAIS, EXPOSIÇÃO E MANIFESTAÇÕES

As interações podem ter inúmeros objetivos, como compartilhar informações, ideias e opiniões em determinado grupo, formado a partir de afinidades e semelhanças. As estruturas dessas interações vão exercer influência sobre o comportamento dos atores e sua maneira de se posicionar nas redes sociais na Internet.

Na análise de redes, para se estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. (SOUZA; CARDOSO, 2011, p.71)

É natural do ser humano a necessidade de se expressar, manter vínculos, círculos de amizades, redes de contatos. O homem, de posse das novas tecnologias de informação e comunicação, está em constante busca por conectividade, tentando evitar ao máximo seu isolamento. Embora autores defendam o ponto de vista de que as redes sociais disfarçam a solidão, uma “solidão interativa”, em que as pessoas passam horas na Internet mas não tem uma relação humana de fato, como sustenta o sociólogo francês e especialista em mídia, Dominique Wolton.

Nos final dos anos 90, os *weblogs*, ou *blogs*, surgiram como um tipo de diário virtual. Neles, o usuários relatavam quaisquer assuntos de sua preferência, suas opiniões e acontecimentos do dia a dia, e recebiam os comentários dos leitores. Muitos blogs se tornaram conhecidos e essa ferramenta passou a ser utilizada assiduamente, sempre em busca da livre expressão, enquanto espaço virtual aberto de inserção de conteúdo, e do sentimento de aceitação, de pertencimento.

Sibilia (2008) afirma que as novas formas de expressão e comunicação são também ferramentas de criação do *eu*, uma personalidade “orientada para e pelos outros”.

A insistência nessa ideia de que “agora qualquer um pode”, no tocante às práticas autorais que se desenvolvem na web, encontra-se no cerne de conceitos como o de “liberação do pólo emissor” [...]. É essa perspectiva a que levou *você* a ocupar o trono da personalidade do momento, de acordo com o veredito da revista Times. Pois graças a esse poderoso arsenal que hoje está à disposição de praticamente qualquer um, de fato agora você também pode criar livremente aquilo que seria a sua principal obra. Isto é: a sua personalidade [...]. (SIBILIA, 2008, p.233)

Mais tarde, empresas e instituições adotariam os *blogs* como forma de interagirem com seus clientes e públicos, se apropriando deste recurso gratuito e de grande alcance. Publicam, então, campanhas publicitárias, promoções, criam áreas para sugestões e contato com os gestores, mostram seus produtos e serviços, além de prestarem conta de sua atuação na sociedade. Nos dias de hoje, os *blogs* continuam a desempenhar esse papel, combinados com outras plataformas mais novas, que apresentam *links* para diversos conteúdos.

Essas novas plataformas, como o Facebook, Twitter, Flickr, Blogger, Instagram e demais redes sociais digitais, trazem uma grande transformação nas formas de se expressar nos espaços virtuais, causando significativo impacto inclusive nas manifestações sociais e políticas, que têm sido bastante trabalhadas na Internet. No estudo sobre os fluxos de comunicação no caso *hashtag* #forasarney, “Ativismo em Redes Sociais Digitais: Os fluxos de comunicação no caso #forasarney”, os autores identificaram a apropriação das redes, no caso o Twitter, para realização de ações coletivas.

Grupos insatisfeitos com a permanência do senador José Sarney na presidência do Senado utilizaram a estratégia das redes sociais digitais para fins de protesto, o que ganhou bastante adesão. A pesquisa indica, ainda, que a mídia de massa deu início à mobilização, mas que as ações propriamente ditas ganharam força na Internet.

Dadas as possibilidades de reinventar as formas de interação social em cada sistema e coordenar-se coletivamente perante o novo em um meio de comunicação em constante transformação – em que se registram formas de cooperação e agregação –, os atores sociais estariam naturalmente convidados à ação coletiva. (BATISTA; ZAGO, 2010, p.101)

Outro caso constatado é o do recente processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, em que assumiu a presidência do país seu vice, Michel Temer. As redes sociais foram bombardeadas de termos como #foradilma, #forapt, #foratemer. O coordenador do Laboratório de estudos sobre Internet e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo, Fábio

Malini, chegou a publicar uma pesquisa que comparava os números de menções às duas personalidades públicas durante o processo, devido ao volume de *tweets* sobre o assunto.

Em seu artigo, Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede, o pesquisador relembra também o movimento *#vemprarua*, que teve início em outubro de 2014 e cresceu significativamente no início de 2015. O objetivo era convocar e organizar a população para manifestações em razão da situação do país, tanto econômica, como política e social.

O movimento ganhou um site próprio, e se intitula como “suprapartidário, democrático e plural”, de combate à corrupção (<http://www.vemprarua.net>). No Twitter, a campanha ficou entre os *trending topics* (notícias mais comentadas) no Brasil e ocorreram também “tuitaços”, ondas de tuítes, identificados por uma *hashtag* comum. Embora o Vem Pra Rua considere ter surgido da organização espontânea da sociedade civil, há muitas opiniões divergentes. Malini comenta:

Se em 2013, os políticos e celebridades chegaram depois das manifestações; em 2015, nas redes sociais, eles nelas chegaram primeiro, convocando seus afiliados e fãs para a guerra das ruas, para a guerrilha nas redes. A mesma hashtag, *#VemPraRua*, no Twitter, ganhou outro design, marcada pela bipolaridade, devida a alta contaminação dos aloprados dos partidos, preocupados mais em defender seus governos do que ampliar a pauta de reivindicação de direitos aberta pela nova sociedade civil brasileira. (MALINI, 2016, p.25)

Para além do debate político, é notório que os usuários das redes sociais digitais se expõe de forma bastante ampla e muitas vezes agressiva nos espaços coletivos, o que mostra um lado antagônico dessas ferramentas. Atentando-se para as questões sociais, outras situações podem ser citadas, como por exemplo os casos de declarações racistas ou homofóbicas no ciberespaço. Tais situações extrapolam a finalidade das novas interfaces de interação e das novas tecnologias de informação e comunicação, trazendo aspectos negativos.

O caso que envolveu a atriz Taís Araújo, ao publicar uma foto no Facebook em outubro de 2015, foi um dos quais mais repercutiram na mídia. Alvo de comentários racistas, a atriz recebeu apoio de fãs e de internautas que se solidarizaram com o ocorrido, através da *hashtag* *#SomosTodosTaísAraújo*, que também se tornou *trending topic* no Twitter. Ao mesmo tempo, a rede também serviu para que ela fizesse seu desabafo e relatasse que levaria a denúncia à Polícia Federal.

Em março deste ano, o portal de notícias G1 publicou matéria sobre operação da Polícia Civil para prender os responsáveis pelos ataques racistas. Segundo a notícia, Agentes da Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática (DRCI) cumpriram quatro mandados de prisão e onze de busca e apreensão. Um dos suspeitos também teria participado de ataques racistas contra a jornalista do Jornal Nacional, da Rede Globo, Maria Júlia Coutinho.

Um levantamento feito pelo blog *ComunicaQueMuda*, da agência de comunicação Nova/sb, realizado entre abril e junho de 2016, analisou temas polêmicos abordados nas redes, como racismo, posicionamento político e homofobia. Segue trecho da reportagem publicada pelo site O Globo, em 3 de agosto de 2016.

Foram identificadas 393.284 menções, sendo 84% delas com abordagem negativa, de exposição do preconceito e da discriminação. [...] Do total de mensagens analisadas, 219.272 tinham cunho político, sendo que 97,4% delas abordavam aspectos negativos. [...]O segundo tema com maior número de mensagens foi o ódio às mulheres. [...]Ao todo, foram coletadas 49.544 citações que abordavam as desigualdades de gênero, sendo 88% delas com viés intolerante. Pessoas com algum tipo de deficiência, que lutam no dia a dia por seus direitos, também são achincalhadas nas redes sociais. O levantamento captou 40.801 mensagens sobre o tema, sendo 93,4% com abordagem negativa. Termos como

“leproso” e “retardado mental” e o uso da deficiência para “justificar” direitos são usados nessas citações. [...] O racismo também tem forte presença nas redes sociais brasileiras, com 17.026 menções, sendo 97,6% negativas (O GLOBO, 2016).

Termos pejorativos, ofensas e xingamentos demonstram a intolerância que tem habitado as redes sociais, o que contrapõe uma de suas principais características, a interação, e a possibilidade de diversificar discursos, a partir do espaço aberto de expressão. É um outro lado do espaço virtual, que acentua os problemas de construção social vividos na vida fora da Internet, promovido também pelo anonimato de quem escreve e pelo distanciamento entre os usuários.

Em paralelo a isso tudo, as redes têm o seu caráter solidário e positivo. O Facebook, por exemplo, para mostrar seu apoio a determinadas causas lançou o recurso de filtros nas fotos dos avatares, como uma marca d'água. A ferramenta detecta automaticamente a foto de perfil atual do usuário e aplica o filtro por cima, com direito à edição de legenda na imagem. Para apoio ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, o filtro é o de arco-íris, que simboliza a bandeira LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.)

Pessoas de todo o mundo passam a se unir em prol de alguma questão, como nas manifestações coletivas a favor do casamento homossexual, em solidariedade à tragédia de Mariana, em Minas Gerais e às vítimas dos atentados terroristas em Paris, na França. Outro exemplo é da frase criada “Je suis Charlie”, Somos todos Charlie, em homenagem às pessoas assassinadas no ataque à sede do jornal satírico francês, Charlie Hebdo, em janeiro de 2015.

CONCLUSÃO

Pode-se constatar que a evolução das tecnologias de informação e comunicação deram um novo rumo ao processo de interação social. As redes sociais digitais, em especial, revolucionaram a maneira de se comunicar, muitas vezes substituindo o contato físico, o cara a cara. Desse novo formato de interação, surgem inúmeros aspectos positivos, que convergem para a disseminação de informações relevantes para a sociedade, a praticidade e o imediatismo na comunicação, a multiplicidade de conteúdos e a criação de comunidades com objetivos afins.

Da mesma forma, os aspectos negativos estão presentes no que diz respeito aos exageros a que os usuários se expõem nas redes, quando o diálogo saudável é impedido pelo sentimento de que a rede não é para todos, é exclusiva da expressão de um só sujeito. O anonimato atrás do computador e de outras ferramentas, o distanciamento entre os que interagem e a grande liberdade proporcionada no ciberespaço também implicam na formação de conflitos e de uma cultura digital intransigente e intolerante.

Talvez o verdadeiro desafio no que diz respeito às redes sociais digitais esteja na tentativa de manter o caráter utilitário desta ferramenta, em meio aos exageros do “eu na rede”, da enxurrada de *selfies* (fotografias de si mesmo), da intolerância às opiniões divergentes, da diária exposição exacerbada da vida real. Desafio também é, numa lista de centenas de “amigos”, o indivíduo conseguir estabelecer relações verdadeiras, que ultrapassem o espaço virtual, contrariando a linha de pensamento de autores que afirmam ser as redes digitais um fator de isolamento social.

REFERÊNCIAS

G1. Operação prende suspeitos de racismo na internet contra Taís Araújo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/policia-faz-operacao-para-prender-suspeitos-de-ataque-racista-contra-tais-araujo.html>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999;

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás. 25. 2016. Goiânia.

_____. #ForaTemer já é maior que o #ForaDilma do auge dos protestos antipetistas. Disponível em: <<https://medium.com/@fabiomalini/foratemer-j%C3%A1-%C3%A9-maior-que-o-foradilma-do-auge-dos-protestos-antipetistas-b89e8d84761b#.3yhdfnfda>>. Acessado em: 25 de novembro de 2016.

O Globo. Brasil cultiva discurso de ódio nas redes sociais, mostra pesquisa. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-cultiva-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-mostra-pesquisa-19841017#ixzz4R4J0EXSX>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009;

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008;

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011;

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros e CARDOSO, Carla. As Redes Sociais Digitais: Um mundo em transformação. In Agenda Social. V.5, nº1, jan-abr/2011.